



GT 018. Antropologia dos Esportes: desdobramentos epistemológicos e teórico-metodológicos nos estudos das práticas esportivas

Wagner Xavier de Camargo (UFSCar) - Coordenador/a,
Luiz Fernando Rojo Mattos (UFF) - Coordenador/a,
Mônica da Silva Araujo (UFPI) - Debatedor/a

Este grupo de trabalho é fruto de estudos e esforços da antropologia brasileira em compreender das práticas esportivas em sua interface com a sociedade. Nos últimos encontros da RBA (desde 2000) e da RAM (desde 2001), compreendemos que o esporte institucionalizado e as práticas esportivas estão cada vez mais presentes na vida dos sujeitos e têm adquirido maior visibilidade, tanto no cenário brasileiro, quanto no Sul-americano. Como efeito, vimos um aumento exponencial representado no número de pesquisadoras/es (seja na qualidade dos trabalhos, seja na amplitude temática), e tal aspecto se reveste no incremento (e verticalização) de problemáticas concernentes à área. Nesse sentido, é no espaço do GT que aprofundamos e refinamos alguns debates mais clássicos da antropologia, como conceitos de identidades e etnicidade, teorias do indivíduo e da pessoa, usos do corpo e estruturas de poder, além de outros mais contemporâneos, como as questões de gênero, sexualidade e erotismo, interseccionalidades, novas subjetivações e as próprias práticas esportivas. Essas temáticas emergem de etnografias densas e plurais, que abordam distintas modalidades esportivas como o futebol, vôlei, basquete, rugby, lutas e artes marciais, esportes de aventura, ciclismo, natação, dança e outras. O objetivo deste GT, portanto, é possibilitar e dar manutenção ao espaço de diálogo, trocas, interlocução e colaboração entre pesquisadoras/es envolvidas/os com o universo dos esportes.

Reflexões antropológicas sobre os conceitos de jogo e esporte a partir dos Clubes de Jogo de Malha

Autoria: Ingrid Ferreira Fonseca

A antropologia do esporte se dedica ao estudo de um fenômeno de imensa presença na nossa contemporaneidade. Neste contexto, de maneira geral, se estabeleceu a definição de esporte como atividade física competitiva, regrada e dinamizada por organizações oficiais esportivas. Entretanto, esta conceituação não contempla numerosas práticas que não se ajustam a tais características. Assim, a definição de esporte é um campo de disputas ainda não completamente acordadas. E a antropologia, diferentemente de outras áreas das ciências humanas e sociais, com seu cabedal teórico-metodológico, nos possibilita reflexões, muitas vezes comparativas dos campos etnográficos, sobre as representações, valores e normas que os interlocutores estudados produzem em suas vivências culturais. Dentro desta perspectiva, alguns dos dados construídos na minha tese de doutorado sob o título "Sociabilidades no Clube de Malha: perspectivas antropológicas sobre jogo, masculinidade e envelhecimento", assim como a pesquisa desenvolvida por mim no IFRJ intitulada "Sociabilidade no Clube de Malha Mauá: significados atribuídos por jogadores de malha a sua prática esportiva" destacam o jogo de malha como uma atividade que se encontra em certa medida na fronteira entre os objetos em diálogo: o jogo e o esporte. Destarte, este work intenta apresentar o meu projeto de pós-doutorado cujo objetivo é ampliar este campo etnográfico, trazendo questões para refletir os processos de esportivização vividos pelos diferentes jogos, pistas, clubes de malha na cidade de Volta Redonda. A partir da construção destes "novos" dados, centrar o foco na análise dos conceitos de jogo e esporte a partir de reflexões antropológicas mais contundentes sobre estes campos de ideias. Dentro deste escopo, os jogos de malha que acontecem na cidade de Volta Redonda, estado do Rio de Janeiro, foram escolhidos como locus do presente estudo, exatamente por serem os únicos dentro deste estado que estão



vinculados a uma Liga Esportiva. Encontram-se reunidos na cidade em torno de 20 clubes de malha, sendo que somente 8 deles participam da Liga Sul Fluminense; os outros continuam praticando o jogo de malha, porém não necessariamente seguindo as regras estipuladas pela Liga. Como metodologia, o estudo apoia-se na etnografia utilizando-se da perspectiva de perto e de dentro. Essa opção se adequa aos estudos urbanos que possuem dificuldades de realizar a imersão total no campo, como é o meu caso. Moro na cidade de Niterói e o meu campo etnográfico fica em torno de 140 km de distância da minha residência. O propósito é estar presente nos finais de semana dos jogos da Liga Sul Fluminense de malha, acompanhar o time de Volta Redonda em campeonatos nacionais e ir visitar Clubes de malha que não participem da Liga Sul Fluminense.

[Trabalho completo](#)



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:**Apoio:****Organização:**